



## **Percurso Histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: Novos Modelos Eclesiais<sup>1</sup>?**

Flávio Lages Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo busca refazer o percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, no qual o rock pesado foi utilizado a princípio como instrumento de socialização entre os jovens que estão nas tribos urbanas *headbanger* e que posteriormente deu lugar a outros elementos de socialização. Este caminho histórico da comunidade levanta o questionamento a princípio sobre novos modelos de igreja na atualidade que podem estar em choque com os velhos modelos e exigem uma espiritualidade e práticas religiosas que façam sentido para os jovens que estão nas grandes metrópoles. A construção relacional entre cultura e religião pode ocorrer pela possibilidade em usar elementos culturais nas práticas religiosas na pós-modernidade. O que aponta não para um novo modelo de igreja, mas para novas leituras e releituras de expressões culturais juvenis e a socialidade que o rock proporciona, principalmente entre os jovens. A metodologia proposta para essa pesquisa ocorreu com a análise bibliográfica, no qual utilizamos como principal referencial teórico-metodológico o livro, O tempo das tribos de Michel Maffesoli e na pesquisa de campo utilizamos a observação participante e a técnica de Grupo Focal para entender como se dá a construção sociológica de perto e de dentro da comunidade.

**Palavras-Chave:** Tribos Urbanas. Juventude. Rock. Religião e Contemporaneidade. Religião e Cultura.

## **Historical Journey of the Cave Community of Adullam in Belo Horizonte: New Ecclesial Models?**

**Abstract:** This article seeks to retake the historical course of the Cave Community of Adullam in Belo Horizonte, in which heavy rock was first used as an instrument of socialization among the youths who are in the urban tribes *headbanger* and who later gave way to other elements of socialization. This historic path of the community raises the question at the outset about new church models today that may be in clash with the old models and require a spirituality and religious practices that make sense for the young people who are in the big metropolis. The relational construction between culture and religion can occur through the possibility of using cultural elements in religious practices in postmodernity. What points not to a new model of church, but to new readings and re-readings of youthful cultural expressions and the sociality that rock provides, especially among young people. The methodology proposed for this research was the bibliographical analysis, in which we used Michel Maffesoli book, The Time of the Tribes by Michel Maffesoli as the main theoretical and methodological reference, and in field research we used participant observation and the Focal Group technique to understand how gives the sociological construction of near and within the community.

**Keywords:** Urban Tribes. Youth, Rock. Religion and Contemporaneity. Religion and Culture.

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte constituinte da dissertação de mestrado intitulada “O Fenômeno Religioso entre os Jovens nas Tribos Urbanas: Uma Análise da Relação Cultura e Religião na Comunidade Caverna do Adulão (Belo Horizonte/MG) defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MINAS). Bolsista de Mestrado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG). Especialista em Teologia Sistemática pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE/BH). Graduado em Teologia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE/BH).



## Introdução

Verificamos que na atualidade novas maneiras de ser membro nos círculos religiosos eclodem a cada dia na sociedade. Nossa proposta ao fazermos o percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão ocorreu pela abertura que as grandes metrópoles do Brasil e do mundo proporcionaram aos seus habitantes fazerem seus próprios percursos nas mais diversas áreas da vida humana, como a social, política, econômica, cultural e principalmente religiosa. Neste caso o adepto de uma religião pode fazer seu próprio caminho e escolher a que melhor atenda às suas demandas.

Faremos o percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão desde 1992, ano de seu nascimento até os dias atuais, para isso perguntamos se essa comunidade é um novo modelo de igreja. O que adiantamos de antemão que não se trata aqui de um novo modelo de igreja. Este questionamento, nos ajudou a identificar e descrever a relação dos jovens que gostam de rock<sup>3</sup> e que estão nas tribos urbanas *headbangers*<sup>4</sup>, com a Comunidade Caverna de Adulão. Para isso é necessário entender a diferença entre Igrejas, e Comunidades Cristãs, também como se estabelecem os movimentos *undergrounds* juvenis na cena secular, ou seja, fora dos meios eclesiásticos.

Mostraremos também que outras igrejas e comunidades *undergrounds* no Brasil desenvolvem este tipo de trabalho junto aos jovens. O que aponta para um campo religioso em constante mudanças que precisa acompanhar as transformações sociais que ocorreram ao longo dos últimos séculos e mais intensamente nas décadas derradeiras e nos nossos dias. Variadas áreas da sociedade foram afetadas pela nova maneira de pensar e agir no mundo. Essa nova mentalidade não aceita nada que se erija como absoluto, pois este produziu sistemas opressivos, fome, guerras e campos de concentração.

---

<sup>3</sup> O surgimento do rock ocorreu em 1940 nos Estados Unidos, com as canções de trabalho e gritos campais dos negros americanos que trabalhavam nos campos de algodão. Eles clamavam por liberdade e utilizaram a música como instrumento de protesto, tanto no contexto secular, quanto no religioso. De acordo com Baggio os negros “deram desenvolvimento ao *blues* (tristeza) como música secular e ao *gospel* (evangelho) como música sacra” (BAGGIO, 1997, p. 43). Para Calvani (1998, p. 211), o nascimento do *rock* ocorre com a evolução dos negros *spirituals* e do *blues* e sempre esteve associado a rebeldia e contestação.

<sup>4</sup> O termo tribo urbana *headbanger* é dado aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo que é chamada pelos mesmos de movimento a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar.



Notamos que a Comunidade Caverna de Adulão conseguiu fazer uma leitura histórica e captou o pensamento juvenil de gerações passadas. Isso possibilitou releituras que proporcionaram práticas religiosas na atualidade para consolidação da comunidade como uma igreja que se apropria dos elementos da cultura<sup>5</sup>, entre os quais o *rock* e a religião<sup>6</sup>, como fator na sociabilidade entre os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* e na cena alternativa<sup>7</sup> e *underground*<sup>8</sup> secular. A composição da comunidade, apesar de ser inicialmente para grupos marginalizados e discriminados na sociedade, com os jovens roqueiros, atualmente tem como membros crianças, homens, mulheres e pessoas das mais variadas idades, como outros elementos de socialização e não somente o rock como era na sua gênese.

---

<sup>5</sup> Para o conceito de cultura, utilizamos Maffesoli (2010) em sua obra: *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Ele aponta para duas culturas. De um lado, ele mostrou os proprietários da sociedade e são os que têm o poder, tanto de dizer quanto o de fazer, sendo o poder instituído, nas diversas formas: cultural, religiosa, social e econômica. Por outro lado, ele mostra a vida selvagem, anômica, e desordenada, como uma potência instituinte. Ainda segundo Maffesoli (2010) o pensamento selvagem é admitido pela experiência adquirida no contato com sociedades primitivas. Aqui, a antropologia volta seu olhar, para o cotidiano das sociedades contemporâneas, ao que chamou de culturas de empresa ou outras observações que pareciam próximas demais para serem analisadas. Essa divisão de duas culturas, para Maffesoli, começa a ser aceita pela cultura erudita. “Isso vale também para a cultura erudita, que começa a admitir a existência de uma outra cultura: a dos sentimentos comuns. Podemos estar de acordo com essa emergência. São numerosas as pesquisas que o demonstram, o fato é que existe entre essas duas culturas um distanciamento que às vezes não deixa de se transformar em um fosso intransponível (MAFFESOLI, 2010). O conceito de cultura que trabalho aqui, se aproxima mais com a potência instituinte com o sentimento de estar juntos, o partilhamento, a sociabilidade e o sentimento de pertencimento. Essa cultura é construída pelos próprios jovens, com aspectos muitas vezes, clandestina e marginal na sociedade.

<sup>6</sup> O conceito de religião utilizado será o de Durkheim na obra “As formas elementares de vida religiosa”. Para Durkheim a religião é algo estritamente social. “A conclusão geral deste livro é que a religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos. Mas então, se as categorias são de origem religiosa, devem participar da natureza comum a todos os fatos religiosos: também elas seriam coisas sociais, produtos do pensamento coletivo” (DURKHEIM, 1989, p. 38). Maffesoli em sua obra “O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa”, cita quase 4 dezenas de vezes Durkheim em suas páginas. Em algumas dessas citações Maffesoli como leitor de Durkheim, observa o caráter social da religião e o seu poder em unir a comunidade. “O ‘divino social’, termo com que E. Durkheim designava essa força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação. Poderíamos, também, dizer ‘religião’, entendendo a palavra como é empregada para designar aquilo que nos une a uma comunidade” (MAFFESOLI, 2010, p. 78-79). Ainda sobre a obra de Durkheim, Maffesoli (2010), observa que ele não pretendia fazer um estudo exaustivo sobre a religião das tribos australianas. Seu objetivo é compreender o fato social.

<sup>7</sup> Como termo sociológico o alternativo se estabelece com a sucessão de duas coisas reciprocamente exclusivas, opção entre duas formas de relacionar dentro de um grupo social ou da sociedade. A cena alternativa com os jovens roqueiros começa a partir de 1990, esse movimento juvenil abre a possibilidade entre uma ou outra alternativa nas fusões da música rock com outros estilos musicais, o que antes não era aceito dentro dos movimentos juvenis pelo radicalismo de seus membros.

<sup>8</sup> Cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, subterrânea, clandestina ou oculta diante de um grupo social ou de toda uma sociedade.



Essas práticas de inclusão e respeito ao que é diferente quebram a rigidez da religião institucional, de modo que novas formas de expressão religiosa eclodem dentro da cultura. Maffesoli (2010, p. 135) observa que “essa religiosidade pode caminhar lado a lado com a descristianização, ou com outra forma qualquer de desinstitucionalização. E, por isso mesmo, a socialidade designa, justamente, a saturação dos grandes sistemas e das demais macroestruturas”.

Nesse aspecto, tanto a religião quanto a cultura usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo sentido ou significado a prática religiosa. Ideologias são resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos são relançados como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas expressões religiosas que seriam impensadas no âmbito religioso há alguns anos atrás.

Portanto, ao voltar nosso olhar para o percurso histórico da comunidade podemos ver que a pós-modernidade<sup>9</sup> traz elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos. Será que as Ciências da Religião em interface com a história podem contribuir para entender essas novas formas de manifestações culturais e religiosas na atualidade, e também a relação de pertencimento que o membro estabelece com a instituição religiosa?

### **Breve Percurso Histórico da Comunidade Caverna de Adulão**

Refazendo as pegadas históricas da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte, desde 1992 percebemos que esta comunidade cristã se consolidou ao utilizar elementos da cultura, entre eles a religião e o rock, com a sociabilidade dos jovens nas tribos urbanas. Para Michel Maffesoli (2010), as práticas religiosas podem ajudar na ampliação da sociabilidade, pois estabelecem laços mais estreitos entre as pessoas e isso ajuda a enfrentar as adversidades da vida.

Que a religião (*re-ligare*) seja a expressão de uma socialidade plural, [...], não é de nenhuma forma surpreendente. Com efeito, convém lembrar que antes de institucionalizar-se, com sabida rigidez, as reuniões religiosas servem, antes de tudo, para manter o calor, para cerrar as fileiras diante da dura “ordem das coisas”, social ou natural (MAFFESOLI, 2010, p. 185).

---

<sup>9</sup> Para Maffesoli, a pós-modernidade é caracterizada pelo tribalismo. Este fenômeno é estudado por ele como fator de sociabilidade há mais de três décadas. Para ele o que vale no tempo presente é a vida cotidiana e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo prazer de estar juntos. Ele ainda destaca como dois eixos essenciais, os aspectos ao mesmo tempo, arcaico e juvenis do tribalismo, e também a sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de Indivíduo. Na sua visão essas são as duas raízes do tribalismo pós-moderno (MAFFESOLI, 2010, p. 3-5).



Essa socialidade plural que a religião pode proporcionar com o sentimento de pertencimento, e o calor produzido pelo ombro a ombro, também podem ser observados no percurso histórico e na composição social da comunidade. O rock que era a princípio único elemento de socialização com eventos evangelísticos de bandas de rock pesado de estilos variados, tanto dentro quanto fora da Comunidade Caverna de Adulão, abriu posteriormente para outras formas de socialização.

Dessa forma, o trabalho que era voltado para os jovens roqueiros que eram discriminados pela sociedade e também pelas igrejas evangélicas tradicionais se estendeu para outras pessoas. Hoje, a comunidade tem como membros pessoas das mais variadas idades, bem como outros elementos foram incorporados na nas práticas religiosas e sociais do grupo. O que tornou a comunidade mais eclética, aberta e dinâmica para outras formas de socialização e práticas religiosas com espiritualidades alternativas diferenciadas.

### **Novos Modelos Eclesiais ou Reapropriação de Elementos Culturais?**

Percebemos que atualmente não só a Comunidade Caverna de Adulão utiliza elementos da cultura como o rock para expressar uma religiosidade ou espiritualidade alternativa. Do mesmo modo que essa comunidade muitas outras desenvolvem este tipo de trabalho específico junto aos jovens que estão ligados às tribos urbanas *headbanger*. Existem, atualmente, inúmeras igrejas e comunidades cristãs do segmento evangélico que realizam este trabalho voltado para os jovens, inclusive ministérios e bandas de rock ligados à Igreja Católica.

Outro fator que merece destaque é que não se trata de novos modelos de igrejas e comunidades, mas de práticas religiosas que fazem uso de manifestações culturais variadas, com reapropriações, leituras, releituras e novas formas e significações, que aqui utilizam o rock como um elemento cultural juvenil. Antes de prosseguirmos é bom salientar algumas diferenças entre igrejas, comunidades e o que se chama de movimento<sup>10</sup> entre os grupos juvenis. De acordo com Brakemeier (2004, p. 49), “comunidade é a congregação local, enquanto igreja designa um conjunto de comunidades”. Ainda de acordo com ele, igreja e comunidade são sinônimos *neo* testamentários.

De acordo com o Novo Testamento, porém, igreja e comunidade são sinônimos. A diferença está unicamente na origem etimológica. Igreja provém do grego *ekklesia*, que significa assembleia, enquanto comunidade é termo latino, designando um grupo unido por algo

---

<sup>10</sup> A socialidade que ocorre entre os jovens que estão nas tribos urbanas é autodenominado por eles como movimento. O afeto e o sentimento de pertencimento ajudam a amarrar e unir os fios dessa trama social. Possibilitando aos jovens que se unem de forma eletiva aderirem ou não aos *movimentos punk, headbanger, hip hop, skatista, reggae, soul, funk*, entre outros.



comum. Sob tal perspectiva, viver em comunidade é viver em igreja e vice-versa. Comunidade cristã sempre possui natureza eclesial (BRAKEMEIER, 2004, p. 49-50).

Outro fator de destaque é que as comunidades estão mais abertas a elementos culturais que as igrejas, e assim, estão mais envolvidas ao que é produzido pela cultura. A comunidade acaba sendo mais receptiva também à cultura pela sua liberdade quanto aos dogmas e estruturas eclesiais, que são menos rígidas e engessadas que as igrejas no que tange às mudanças. Muitas comunidades evangélicas que desenvolvem seus trabalhos junto aos jovens, usam tal nomenclatura para se distanciar do formato de igrejas convencionais e terem mais abertura para todo tipo de grupo juvenil. Assim, essas comunidades não estão ligadas muitas vezes as grandes igrejas, históricas ou não, mas são fiéis ao evangelho e estão contidas integralmente a igreja de Deus.

Isso não impede que as comunidades locais se apresentem em variedade de formas e em coloridos culturais. Elas têm o direito à diferença. Já na primeira cristandade conviviam cristãos de fala hebraica e grega, portanto oriundos de diferentes ambientes. Divergiam as tradições, os costumes, as etnias. Nem sempre a pluralidade cabia numa só organização comunitária. A igreja de Jesus Cristo não pode pretender a uniformidade. Ela precisa adequar-se ao contexto em que vive, articular o evangelho na respectiva cultural, falar a linguagem do povo. É digno de destaque que comunidade cristã não está atrelada a nenhuma cultura específica (cf. 1 Coríntios 9.19s.). Ela pode vestir os trajes típicos da respectiva localidade e região. Tem abertura para a multiculturalidade. Congrega gente concreta, de todas as nações (Mateus 18.18) (BRAKEMEIER, 2004, p. 50).

As comunidades locais se estabelecem como solo fértil para as variedades de formas em diferentes ambientes. Essa pluralidade pode ultrapassar a organização comunitária e assim, sinalizar que nenhuma comunidade fique presa a uma cultura específica. Desse modo, o regionalismo é respeitado, com a incorporação dos elementos, próprios de determinados grupos. O que viabiliza a abertura para o multiculturalismo sem cair na tentação de monopolizar ou achatar manifestações que estão fora dos grandes centros urbanos.

Dessa forma, verificamos que essas igrejas e comunidades *undergrounds*, que desenvolvem este tipo de trabalho com os jovens não estão restritas apenas às grandes metrópoles brasileiras, mas têm se espalhado por vários pontos do Brasil, e chegaram a cidades de pequeno e médio porte.

De acordo com Baggio (1997, p. 72), a Comunidade S-8 em Niterói no Rio de Janeiro foi a pioneira no Brasil a desenvolver seus trabalhos voltados para os jovens, desafiando os padrões culturais e apoiando bandas com estilos próprios. A comunidade inicia suas atividades em 1971, com reuniões de jovens que buscavam orientação e tratamento para o uso e abuso de drogas.



Vários problemas sociais têm levado comunidades e igrejas a darem respostas ao mundo que está em constante transformação. Observa-se na atualidade um grande crescimento da violência, das drogas, da promiscuidade, por haverem muitas cidades experimentado, em todo o mundo, uma explosão demográfica, trazendo consigo graves problemas, típicos das grandes metrópoles. Dessa forma, essas comunidades e igrejas são também impulsionadas a dar respostas a esses jovens que estão no contexto urbano e não poucas vezes estão à margem de seus direitos básicos como cidadãos.

Assim, o que percebemos com as práticas religiosas na Comunidade Caverna de Adulão foi uma reapropriação de elementos da cultura como forma de expressar uma espiritualidade alternativa com linguagem juvenil com o rock, contextualizada e aberta para as tribos urbanas *headbanger*. O que também acaba sendo uma forma de enfrentamento às desigualdades sociais e ao mesmo tempo uma resistência ao modelo religioso evangélico tradicional.

### **História de Algumas Igrejas e Comunidades *Undergrounds***

Verificamos que estas igrejas e comunidades que desenvolvem trabalhos com as tribos urbanas, não se limitam apenas as grandes cidades, mas têm se espalhado por várias cidades, tanto de médio quanto de pequeno porte. Em estudo anterior, identificamos que, assim como a Comunidade S-8, que é pioneira no Brasil, fundada na década de 1970, inúmeras igrejas, comunidades, tanto pequenas quanto grandes, desenvolvem trabalhos específicos, junto aos jovens que estão nas mais variadas tribos urbanas (RODRIGUES, 2007, p. 124-128).

Destaca-se a Comunidade *Metanóia*, da cidade do Rio de Janeiro, fundada no final dos anos de 1990. Outra dessa mesma época é a Comunidade *Zadoque*, da cidade de São Paulo, que recentemente teve o seu nome mudado para *Crash Church Underground Ministry*. No Paraná, destacam-se a Comunidade Gólgota e a Comunidade Refúgio; ambas começaram suas atividades em 2000. Em Florianópolis, o destaque é o Ministério *Underground Ossos Secos*. Do norte e do nordeste do Brasil, algumas comunidades desenvolvem trabalhos com jovens que estão nas tribos urbanas; na cidade de Palmas, destacamos a Comunidade *Zoe*; de Belém, o destaque é a Comunidade Altar, e somando-se a elas, a Missão *Shekinah* de Aracaju.



De acordo com o site Cristianismo *Underground*<sup>11</sup>, existem várias igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs no Brasil atualmente. Todas trabalham com os jovens que estão nas tribos urbanas, no cenário alternativo e *underground* nacional. Destacamos no Estado do Espírito Santo a Comunidade Milícia, que desenvolve seus trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas na cidade de Serra, e a Avalanche Missões Urbanas, na cidade de Vitória, que apoia e treina novos líderes para atuarem em suas comunidades e também na implantação de igrejas *undergrounds*.

O Estado de Minas Gerais desponta com inúmeras igrejas e comunidades *undergrounds* com trabalhos para os jovens que estão inseridos nas mais variadas tribos urbanas. Como já observamos em estudos anteriores, o *Tribal Generation* em Uberlândia é um dos exemplos das mudanças que ocorrem no Brasil e no mundo. Esse trabalho estimula a implantação de novas igrejas que atenda a geração emergente com suas tribos urbanas, com o apoio e treinamento de novos líderes para essas novas igrejas. O trabalho do *Tribal Generation* é interdenominacional e está em vários países do mundo. Ainda em Uberlândia destacamos a Comunidade Manifesto Missões Urbanas, a Comunidade Grito de Alerta da cidade de Ipatinga, a Comunidade Impacto Urbano de Governador Valadares e a Caverna do Rock em Juiz de Fora (RODRIGUES, 2007, p. 126).

Existem cidades que têm inúmeras igrejas e comunidades que desenvolvem trabalhos com os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* com o rock. Este é o caso de Belo Horizonte, que além de ter a Comunidade Caverna de Adulão como a mais antiga em atividade, conta também com várias outras que desenvolvem o mesmo trabalho na cidade. Entre outras igrejas e comunidades destacamos a Comunidade RAUC Church (Refúgio de Adoradores Unidos em Cristo). Esta comunidade tem uma peculiaridade, começou o seu trabalho com jovens que estavam envolvidos com a cena alternativa e *underground*, e há dois anos abriu as portas para moradores de rua e dependentes químicos, que passaram a morar dentro da comunidade. Outras comunidades trabalham especificamente com os roqueiros que estão nas tribos *headbanger*, como é o caso da Comunidade Justiça e Retidão, da Comunidade *Rock Grace Church* e da Igreja 180°. Todas desenvolvem trabalhos junto às tribos urbanas e com a cena alternativa e *underground* na capital mineira.

Encontramos quase vinte sites que divulgam a cena alternativa e *underground* cristã. No entanto, poucos foram os que divulgavam igrejas e comunidades. A grande maioria divulga bandas e

---

<sup>11</sup> Ver no site outras igrejas e comunidades *undergrounds* cristãs que desenvolvem trabalhos junto aos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers*.



suas respectivas igrejas e comunidades. Além do site Cristianismo *Underground* acima citado, encontramos o site Congresso Nacional *Underground* Cristão<sup>12</sup> (CNUC) que, desde o ano de 2000, realiza congressos na promoção das comunidades *undergrounds* que trabalham junto aos jovens que estão nas tribos urbanas de forma itinerante e interdenominacional por todo o Brasil.

Portanto, o que observamos com o trabalho da Comunidade Caverna de Adulão, bem como os de outras comunidades e igrejas que desenvolvem seus trabalhos junto às tribos urbanas variadas é que muitas delas têm um trabalho consolidado. Apesar dessa consolidação, este tipo de ministério ainda é pulverizado no Brasil e poucas comunidades são reconhecidas. Muitas vezes esse reconhecimento não acontece nem mesmo nos círculos religiosos, devido ao desconhecimento ou mesmo pelo preconceito de outras comunidades e igrejas evangélicas tradicionais.

Outro fato que deve ser destacado é que o preconceito com os jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* também ocorre na sociedade. Isto gera um duplo preconceito por parte das igrejas e comunidades tradicionais, como também pela sociedade, para quem utiliza o rock e outros elementos da cultura produzidos pelos jovens nas tribos urbanas em suas práticas religiosas.

### **A História da Utilização da Música Rock nas Comunidades e Igrejas Evangélicas**

Toda evolução dessas novas formas de comunidades, igrejas, cultos e práticas religiosas que se amoldam as necessidades dos jovens, ocorreu, de acordo com Costa, pela aproximação dos evangélicos com o rock. “Inicialmente, no Brasil, a aproximação efetiva dos evangélicos com o rock remete-se, por exemplo, segundo Mariano, a um movimento denominado ‘roqueiros de Cristo’ que teve início com a banda ‘Rebanhão’, em 1981, no Rio de Janeiro” (COSTA, 2004, p. 51).

No entanto, a utilização dos elementos culturais, como o rock no Brasil, é anterior à década de 1980, e grupos como ELO e S-8 foram fundamentais, pois “ajudaram a trazer a música contemporânea para dentro das igrejas evangélicas brasileiras ainda na década de 1970. Ambos os grupos produziram músicas de alto nível e desafiaram os padrões em seus trabalhos” (RODRIGUES, 2006, p. 71).

Ao trazer a música contemporânea para as igrejas evangélicas, o grupo ELO e S-8 abriram novas possibilidades para novas interpretações não só musicais, mas principalmente para práticas religiosas que fossem espontâneas e livres para fusões, leituras e releituras.

---

<sup>12</sup> O primeiro encontro da CNUC ocorreu em 2000, na Comunidade S-8, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, por ocasião dos quase 30 anos de suas atividades e por seu pioneirismo.



Com sua música bem ritmada e ousada, o grupo - que nasceu em São Paulo e se transferiu posteriormente para o Rio de Janeiro – trazia uma fusão de ritmos que iam desde o baião ao *rock'n'roll*. Em 1984, Janires Magalhães Manso, líder do Rebanhão, desligou-se do grupo e foi trabalhar com a MPC (Mocidade para Cristo) em Belo Horizonte, onde formou a Banda Azul (RODRIGUES, 2006, p. 122).

Vários grupos seguiram o caminho aberto pelo Rebanhão, inúmeros grupos despontaram em todo o país, formando o que ficou conhecido como música *gospel*, entre eles: Sinal de Alerta, Banda e Voz, Complexo J, Fruto Sagrado, Kadoshi (ex-Atos 2), Oficina G3, Banda Gerd, Banda Rara, Katsbarnéia e Resgate.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo, por exemplo, teve sua origem nas camadas da classe média e alta, ainda assim, ela desenvolveu inúmeros trabalhos com certa desenvoltura com as mais diversas tribos juvenis que estavam nos subúrbios.

O *Christian Metal Force (CMF)*, originalmente fundada por Cláudio Tibério e que passou a fazer parte da Renascer no início dos anos noventa, teve suas atividades focadas exatamente para essas culturas juvenis. E, como forma de atrair essa juventude, deu um amplo espaço para as bandas de rock evangélicas por intermédio de um trabalho de reelaboração dos símbolos e linguagem do rock (COSTA, 2004, p. 53).

A efervescência em Belo Horizonte entre as décadas de 1980 e 1990 com as mais variadas bandas de *rock* pesado já apontava para a capital mineira como celeiro dessas bandas com os mais variados estilos musicais e seus subgêneros. É fácil de perceber esta preocupação, pois Belo Horizonte era considerada o celeiro de bandas de estilos, como: Rock Progressivo, Rock Popular, *Heavy Metal*, *Death Metal*, *Thrash Metal*, *New Metal*, *Doom Metal*, *Grind Core*, *Hard Core*, *Crossover*, *Punk Rock*, *Gótico*, *Grunge*, entre outros.

A banda Sepultura, de Belo Horizonte, nos anos 1990 foi considerada a maior banda de *rock* pesado do mundo. Na cidade havia várias bandas de sucesso, entre elas: *Overdose*, *Sex Thrash*, *Chacal* e muitas outras. A cidade, pela grande quantidade de bandas, em 1994, recebe o título de Capital do Rock na cena alternativa e *underground* secular. A capital mineira entra definitivamente no cenário do rock mundial com o BHRIF (Festival Internacional de Rock de Belo Horizonte). Ocorreu a apresentação de bandas nacionais e internacionais na Praça da Estação e na Serraria Souza Pinto. Este festival foi realizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em parceria com a iniciativa privada, aberto ao público em geral.

A cena alternativa e *underground* cristã também não ficou para trás, com o pioneirismo das primeiras bandas *undergrounds* de rock cristão e com o surgimento da Comunidade Caverna de Adulão no início de 1990. “Em Minas Gerais, segundo Tibério, surgiram as primeiras bandas White



metal. O Ministério mineiro de White Metal, conforme informou Tibério, inicialmente chamou-se ‘Sanctuary Church’ e, em 1994, passou a se chamar ‘Caverna de Adulão’, nome que ostenta hoje” (COSTA, 2004, p. 54).

De acordo com Costa, no final da década de 1980 e início dos anos 1990, as comunidades e igrejas começam a mudar seu campo de atuação para alcançar os jovens dos subúrbios das cidades. “Mais ou menos a partir desse momento começaram a surgir comunidades religiosas e igrejas evangélicas, que mudaram a sua forma de atuação e os métodos de cooptação dessa juventude proveniente dos subúrbios das cidades brasileiras” (COSTA, 2004, p. 48).

Dessa forma, tanto comunidades como igrejas começaram a aceitar a manifestação cultural dos jovens dentro de suas práticas religiosas, e o apoio dado pelos líderes religiosos a esses grupos ou tribos refletiu na frequência e permanência desses jovens e seus respectivos movimentos juvenis nas suas igrejas e comunidades.

Um dos atrativos é que, desde que aceitassem “Jesus” e passassem a frequentar as igrejas, eles poderiam continuar a “ser como antes”. O que significava poder usar as roupas, cabelos e adereços tradicionais, ouvir e participar de shows e encontros musicais e culturais, de forma pacífica, entre outras possibilidades (COSTA, 2004, p. 49).

Essa aceitação de ser como antes na adesão dos jovens nas igrejas e comunidades cristãs foi um marco importante no que se refere à cultura juvenil. Isso mostra uma grande sensibilidade dos líderes religiosos, pois estes conseguem ver e respeitar a importância do que é construído pelos jovens e, ao mesmo tempo, abrem espaços para que eles também construam suas práticas religiosas em linguagem e contexto próprio. Isto aponta para uma religião que não está engessada, mas que se reinventa, se transforma e se amolda às necessidades humanas.

### **Rock, Socialização, Práticas Religiosas e Espiritualidades Alternativas**

Verificamos que a cultura é construída pelo ser humano nos mais variados contextos de vida. O rock e a religião são elementos dessa construção cultural e são estabelecidos dentro da própria cultura. A adaptação do rock nas práticas religiosas dessas igrejas e comunidades aponta para uma nova forma de evangelizar e também uma nova forma de ser membro nesses círculos religiosos. Vale a pena ressaltar que não se trata de um novo modelo de igreja ou comunidade. No entanto, nessas práticas religiosas, abertas à apropriação de elementos culturais, podemos ver que a instituição religiosa é quem muda e se amolda às necessidades dos seus membros, não sendo a pessoa que muda no ato de sua conversão.



O continuar a ser como antes, descrito por Costa (2004, p. 49), diz respeito à abertura das instituições religiosas às práticas realizadas pelos jovens nas tribos urbanas. “Assim, a figura tradicional do ‘crente’, vestindo um terno preto, segurando uma bíblia e seguido de sua mulher trajando um vestido comprido e conservando os cabelos longos, foi substituída pelos fiéis usando roupas descontraídas, coloridas e cabelos da moda” (COSTA, 2004, p. 51).

Este que a princípio parece ser um novo modelo de igreja que quebra a rigidez da religião institucional, ao que parece, desenvolve novas práticas religiosas, que utilizam elementos culturais como forma de expressão religiosa que eclodem dentro da própria cultura. Os cultos da Comunidade Caverna de Adulão, mesmo que pareçam ter a forma diferente dos padrões tradicionais de igreja evangélicas na atualidade, não diferem das práticas religiosas dessas igrejas, embora haja uma participação mais inclusiva de seus membros e também uma maior liberdade para manifestações culturais na comunidade.

Nesse aspecto, a religião e o *rock* podem estabelecer a socialidade entre os pequenos grupos ou nas tribos urbanas como expressão dessa cultura mais ampla. Essa socialidade rompe com os grandes sistemas e as grandes estruturas pelo distanciamento e pela frieza relacional que elas causam. “A religião que se define a partir de um espaço é um cimento agregador de um conjunto ordenado, ao mesmo tempo social e natural” (MAFFESOLI, 2010, p. 211).

Tanto a religião quanto o *rock* usam roupagens e elementos utilizados por outros grupos sociais e juvenis de décadas passadas para dar um novo significado à prática religiosa. Nessas práticas religiosas, o *rock* poderia ser o que Maffesoli (2010) descreveu acima como espaço, pois através dele muitos jovens são atraídos às comunidades e igrejas que trabalham com as tribos urbanas e expressam a religiosidade na cultura alternativa e *underground*.

Dessa forma, o *rock*, como estilo musical juvenil, pode se estabelecer como um *espaço* simbólico que ajuda a religião a lançar suas bases na sedimentação dos laços entre os jovens. Paralelamente, Costa observa que a música tem o poder de unir os jovens com os mesmos ideais. “No caso de determinados grupos juvenis, a música é vivida coletivamente como fonte de significado e identidade” (COSTA, 2004, p. 58).

Nestes laços, nos sentimentos de pertencimento e de estar-juntos, ideologias são resgatadas, posturas e elementos estéticos de alguns grupos juvenis são relançados muitas vezes como algo a ser seguido, ou seja, viram moda para toda a sociedade. Essas releituras abrem possibilidades para novas



expressões religiosas, como é o caso do rock, que alguns anos atrás seriam impensadas no âmbito religioso.

Portanto, a pós-modernidade traz ao ser humano a autonomia para fazer suas próprias leis, escolhas e, na pluralidade de pensamentos, não cabe mais um pensamento absoluto e verdadeiro. Outro fator dessa época é a utilização de elementos totalmente novos e perspectivas não pensadas antes, com novas práticas religiosas e culturais nos grandes centros urbanos.

### **Comunidade Caverna de Adulão: Uma História de Socialidade**

Como observamos anteriormente, a Comunidade Caverna de Adulão, bem como outras igrejas e comunidades espalhadas pelo Brasil e pelo mundo desenvolvem este tipo de trabalho junto às mais variadas tribos urbanas que estão na cena alternativa e *underground*. Também verificamos que essas práticas religiosas e espiritualidades alternativas não sinalizam para uma nova forma de igreja. Antes, elas apontam para novas formas de expressões religiosas na atualidade, que utilizam os elementos que são dados culturalmente, entre eles, a própria religião e a música rock.

As igrejas e comunidades ao apropriarem e aceitarem que os jovens se manifestem em sua própria cultura e com linguagem juvenil, mostram um profundo respeito e abertura para essas manifestações culturais da geração emergente, que não poucas vezes ficam à margem de seus direitos básicos. Dessa forma, a religião consegue dar sentido à vida desses jovens e assume o papel que deveria ser do Estado com políticas públicas que reduzam as distâncias causadas pela falta de emprego e oportunidades para os mesmos.

Assim, a centralidade da religião para esses jovens pode ser entendida como uma forma de enfrentamento das situações adversas que encontram diariamente em suas vidas, tais como a falta de acesso a direitos e procedimentos formais, que caberia ao Estado suprir. A religião acaba assumindo papéis comumente desempenhados pela esfera política e o cristianismo torna-se o elemento crucial para o enfrentamento da marginalização que as condições econômicas e estruturais têm legado a estes jovens (PINTO, 2009, p.181).

A abertura da Comunidade Caverna de Adulão para os jovens adeptos da música rock que estão inseridos nas tribos urbanas, como ocorreu no início das atividades, pode sinalizar para a riqueza das expressões religiosas e culturais nas novas práticas religiosas da pós-modernidade. A cultura deixa de ser obstáculo na adesão de novos membros à igreja e passa a ser aliada pela sensibilidade de seus líderes. Como ocorreu com os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas, estes utilizaram elementos culturais, como a música rock, aliados à religião, o que tornou possível aos jovens



desenvolverem sua espiritualidade com significados e linguagens próprias de seu cotidiano. Como relatado por Pinto:

Hoje, ao invés da salvação pela negação do rock, o que tem operado é a salvação pelo *rock*. No lugar do abandono do jeans rasgado e da camiseta preta, temos a utilização desses anexos corporais para a construção de um território sagrado. Em vez de uma ética ditada pelo pastor, vemos a quebra desta figura enquanto manipulador e mediador do sagrado. Quebradas as mediações, o sagrado, acoplado ao *heavy metal*, torna-se fonte de agencialidade a estes jovens fiéis (PINTO, 2009, p. 12).

A partir do próprio contexto e experiências religiosas com grupos marginalizados, podem brotar respostas para os problemas sociais. Os jovens passam a ser agentes de transformação com voz e vontade própria que atenda aos seus anseios. Maffesoli relata esta potência que os grupos religiosos têm em multiplicar-se como uma resposta para os problemas de nosso tempo.

Já se disse que os *thiases* dionisíacos do final do helenismo ou as pequenas seitas do início do cristianismo foram a base da estruturação social que se lhes seguiu. Talvez seja possível dizer a mesma coisa da multiplicação dos reagrupamentos afetivo-religiosos que caracterizam a nossa época (MAFFESOLI, 2010, p. 142).

As bases para o relacionamento entre os jovens ocorrem justamente pelo sentimento de pertencimento e de estar juntos. A participação de todos e a sociabilidade nos grupos religiosos, de acordo com Maffesoli (2010, p. 146), aponta para o ressurgimento das comunidades de base ou de grupos afinitários, nas igrejas contemporâneas, aos quais ele compara com a grande abundância e riqueza dos lençóis freáticos. Que podem exercer sua função social, apenas quando usados como partilha, ajuda mútua e solidariedade desinteressada.

A microestrutura das tribos urbanas, com seus sentimentos mútuos e os pequenos grupos que se desenvolvem dentro de uma macroestrutura social, sinalizam para a riqueza e força da sociabilidade que, com sua efervescência, aponta para o calor afetivo na construção dos relacionamentos sociais.

Da multiplicação dos cultos privados ao acanhado tecido de pequenas células que oferecem hospitalidade aos líderes da nova religião cristã, ou aos revolucionários dos tempos modernos, as novas gerações sociais, o nascimento dos valores alternativos passa pelo que podemos chamar a lógica da rede (MAFFESOLI, 2010, p. 149).

Para Maffesoli (2010, p. 148), a lógica da rede ocorre pela sensação coletiva, na qual os processos de atração e de repulsão se farão por escolha, que ele chamou de sociabilidade eletiva. Esta sociabilidade eletiva possibilita aos jovens escolherem ou não a quais tribos ou grupos pertencer. Essas práticas afetuais constroem redes, como em uma trama de fios de tecido que fica mais resistente a cada nó que os amarra e os une, assim, são formadas as relações que se estruturam a partir do



sentimento de pertença, em função de uma ética específica e nestas relações está o elemento tribal. Eles possuem sentido na dinâmica global quando outros grupos se criam a partir do mesmo sustentáculo.

Os padrões ideológicos, a postura e a estética desses pequenos grupos ou tribos urbanas que não eram aceitos e difundidos na sociedade, agora se tornaram um verdadeiro *self service* de possibilidades para os jovens. Isto fica evidente com as escolhas de elementos estéticos que incorporaram a vida cotidiana das pessoas na atualidade. As tatuagens, os cabelos longos e coloridos, os moicanos, os *piercings*, os alargadores, as roupas pretas, as camisas de bandas de *rock* e outros elementos que eram discriminados na sociedade, posteriormente, além de virar moda, acabaram por se transformar em ideal de juventude e passaram a ser aceitos na sociedade.

Durante décadas, ambientes e tribos encontraram nos meios de comunicação tanto a representação de sua marginalidade e resistência (definidas como problema social) quanto a histeria de um novo modismo. A subcultura punk dos anos 1970, por exemplo, emergiu dos guetos e, devido à influência da mídia, ascendeu a chic. O estilo punk foi expropriado de sua origem ideológica e esteticamente transgressora, acabando por se tornar fashion, hype, cult e, finalmente maistrean- o que ilustra o poder da mídia em descaracterizar e recriar eventos surgidos entre os jovens e os projetar para o grande público (BRANDINI, 2004, p. 105).

O que era uma identidade de determinados grupos *punks* ou *headbangers* com o *rock*, acabou por se estabelecer como moda. Assim, os ideais que constituíram esses grupos se diluíram com o passar dos anos, com sua difusão na mídia e na cultura de massas. E a estética produzida por esses grupos juvenis chegou às passarelas da moda pelo mundo.

No início dos movimentos contraculturais, o *underground* se estabeleceu em contraposição à cultura que estabelecia os padrões culturais. Como já observamos, o *underground* é uma cultura que não é divulgada pelos meios de comunicação de massas, ela existe de forma clandestina, subterrânea ou oculta à sociedade.

Atualmente existe a internet, as redes sociais, no entanto, até o início dos anos de 1990, no Brasil o acesso a computadores e à internet era bem restrito. Toda a divulgação de ideologias, bandas, *shows*, encontros e toda a produção desses grupos era feita através de *fanzines*, que comentavam e divulgavam a produção de artistas em geral com seus livros, discos, poesias, literatura de protesto, teatro, dança e outras manifestações culturais (RODRIGUES, 2007, p. 130).

Nesse aspecto, a riqueza cultural específica era mais valorizada com a força das expressões regionais, com a ocupação do grupo em pequenos espaços geográficos. A cultura *underground* era mais forte e somente quem pertencia a esses grupos entendia como se dava sua construção interna e



todos os elementos por ela produzidos. Todo o sentido da tribo de rock estava intimamente ligado à música e toda produção feita pelas bandas era para o consumo das tribos urbanas. A música *rock* torna-se uma estrutura social que aglutina os jovens com os mesmos ideais.

Para Brandini (2004, p. 15), “o rock das tribos é uma instituição social em que os indivíduos se reúnem em torno de uma ideia para transformá-la em estilo de vida”. Assim, as pessoas que estavam fora dessa cultura ou de determinadas tribos tinham acesso ao que ela produzia muito tempo depois ou quando era permitido pesquisar tais manifestações desses grupos. Esse sentimento social da tribo, para os jovens, ocorre de forma muito fechada e transforma-se em ritual por sua repetição que transmite segurança aos seus membros. Conforme mostra Brandini (2004):

O rock produzido pelos membros das tribos juvenis tem início como lazer, cujo significado é a representação da vivência e dos valores que dão identidade à tribo. As práticas do cotidiano de um grupo iniciante – tocar rock, participar de uma banda, compor músicas, realizar shows ou ensaiar – tornam-se verdadeiros rituais para os jovens nelas envolvidos. (BRANDINI, 2004, p. 43).

A ritualização dentro da tribo ocorre com a necessidade dos jovens terem seus ídolos para dar sentido individual e coletivo à cultura produzida pelo grupo. Em paralelo, a igreja se manifesta no mesmo caminho da contracultura juvenil, a partir da década de 1970 e com mais intensidade nos anos de 1990.

Do mesmo modo que a cultura *underground*, as novas práticas religiosas encarnavam o movimento contracultural no Brasil. Elementos produzidos pela cultura, como o *rock*, o *rap*, o *hip hop*, o *reggae*, entre outros estilos, que não eram bem vistos por muitos líderes cristãos. Ainda assim, líderes de comunidades e igrejas *undergrounds*, como a Comunidade Caverna de Adulão, utilizam elementos da cultura com estilos musicais diferenciados para alcançar um público jovem específico que de outra forma não estariam em igrejas com formato convencional.

A sociedade assim compreendida não se resume em uma mecanicidade racional qualquer. Ela vive e se organiza, no sentido estrito do termo, através dos reencontros, das situações, das experiências nos seios dos diversos grupos a que pertence cada indivíduo. Esses grupos se entrecruzam uns com os outros e constituem, ao mesmo tempo, uma massa indiferenciada e polaridades muito diversificadas. (MAFFESOLI, 2010, p. 151).

A diversidade dos grupos sociais e as tribalizações nos centros urbanos em nossos tempos mostram as variadas formas de socialização. A sociedade só poderá existir quando seus relacionamentos pessoais e interpessoais cotidianos nos mais diversos grupos forem variados entre si. Os encontros, os laços sociais e as experiências individuais dos jovens, com a religião e o *rock* consolidam-se, com o sentimento de pertencimento e o de estar-juntos na construção da coletividade



na sociedade. “Aquilo que liga religião e espaço, como dupla polaridade fundadora de um conjunto dado, não pode ser dito de maneira melhor. A proximidade física, a realidade quotidiana têm tanta importância quanto o dogma que a religião admite veicular” (MAFFESOLI, 2010, p. 212).

Portanto, podemos ver uma força renovadora nas práticas religiosas, que vão além dos seus limites percebidos no espaço geográfico e nas estruturas físicas de seus templos. A socialidade que o *rock* produz, o simples encontro para partilhar as mesmas ideias, o sentimento afetivo e de pertencimento são as bases que estruturam os jovens em seus grupos afinitários. Os mesmos gostos musicais, ideológicos e estéticos praticados pelos jovens que estão nas tribos urbanas *headbangers* sinalizam para a força do ritual, ou seja, a repetição que tem tanto poder nos relacionamentos do dia a dia quanto nos dogmas religiosos praticados pelos seus fiéis.

### **Considerações Finais**

Como observamos anteriormente, para Maffesoli a teoria das tribalizações na pós-modernidade perfaz os relacionamentos sociais em todas as áreas da vida. Esse tribalismo acontece com a socialização nos mais variados grupos, que se unem para celebrar a vida, com o retorno as bases das estruturas societárias. “Mas tal ‘retorno’ pode ser aplicado ao conjunto dos agrupamentos contemporâneos. Estes são, apenas, uma sucessão de tribos que expressam, até a saciedade, o prazer da horizontalidade, o sentimento de fraternidade, a nostalgia de uma fusão pré-individual.” (MAFFESOLI, 2010, p. 9).

Nesse sentido verificamos que nas sociedades contemporâneas os jovens interagem com o espaço urbano e buscam assim diversão, prazer, paixão, mesmos gostos, afetos e acima de qualquer outra situação a afinidade e o sentimento de pertencimento a algo que faça sentido às suas vidas. Assim, a proposta de Maffesoli com o tribalismo se confirma na Comunidade Caverna de Adulão. O mundo contemporâneo cada vez mais se torna um mundo tribal. “O tribalismo, em todos os domínios, será o valor dominante para os decênios do futuro” (MAFFESOLI, 2010, p. 4).

O tribalismo como vimos é um processo de oposição ao que é proposto pelas instituições sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. No campo ideológico o tribalismo se torna uma resistência e retorno às bases, ao chão da vida, onde tudo realmente acontece, na criação e recriação, com o sentimento de pertencimento, a um lugar e a um grupo concreto, como firmamento da vida social. “Clãs manipulando à vontade o exclusivo, a exclusão, o desprezo ou a estigmatização. E aquele que não tem o cheiro da matilha é, infalivelmente rejeitado” (MAFFESOLI, 2010, p. 12).



A cidade ou qualquer localidade passa a ter um destaque especial pelo fato das tribalizações ocorrerem a partir do uso do espaço físico como meio de socialização entre os diversos grupos que interagem e fazem uso do mesmo *habitat*. “Assim, nossas cidades não passariam de pontuação de lugares, às vezes de ‘pontos importantes’ onde vão encontrar-se as tribos – musical, esportiva, cultural, sexual, religiosa. E isso para celebrar o gosto que serve de cimento a cada uma das tribos” (MAFFESOLI, 2012, p. 50). Observando as considerações de Maffesoli quanto ao tribalismo, vemos que ele traz novas possibilidades de socialização na pós-modernidade, inclusive no âmbito religioso com novas formas de espiritualidades alternativas e práticas religiosas.

Isso foi verificado nos relatos dos membros dos grupos focais, quando indagados a dizer o que é a Comunidade Caverna de Adulão, houve uma aproximação da forma como Maffesoli entende o tribalismo na pós-modernidade, no qual a socialidade ocorre com as tribos afetivas. De acordo com eles a comunidade se apresenta como, “segunda casa” e uma “igreja que alcança os excluídos e marginalizados”. A socialização e as práticas religiosas acontecem espontaneamente com as “quebras”, da “tradição”, do “ritual” e do “protocolo”. O que possibilita uma maior “liberdade”, “informalidade”, “diversidade cultural”, “comunhão” e “simplicidade” entre os membros. Transformando a comunidade em um lugar de acolhimento e cuidado, como uma “igreja diferente”, “sem preconceito”, “casa”, “próximo da realidade”, “aberta a servir”, “família”, “casa do meu pai”, “sem formalidades”, “simples e informal”, “lugar descontraído”, “um ajuntamento de pessoas diferentes” e também uma comunidade aberta que “não é uma igreja apenas para pessoas excluídas de outras igrejas”.

O sentimento religioso que a religião produz é o que proporciona as perdurâncias das sociedades, com o sentimento de pertencimento, afeto, partilha do povo e da massa. Como um verdadeiro cimento societal. Quando perguntados como a construção religiosa e cultural na Caverna poderia ajudar os jovens e os diversos grupos juvenis a expressarem suas práticas religiosas, várias situações brotaram entre os membros do grupo. A grande maioria dos entrevistados acham que a Caverna ajuda seus membros na construção religiosa e cultural.

De acordo com os relatos nos grupos a comunidade é um lugar de “acolhimento”, de “viver a espiritualidade em tudo”, de “respeito pela cultura” e de “diálogo com a cultura”, como exemplo citaram o “Projeto Reconstruir”. A Caverna é um lugar que ainda fomenta a construção cultural e



religiosa em suas práticas, tem “gente talentosa”, as “bandas que sobraram” e todos os membros da comunidade são em potencial “agentes culturais”.

Portanto, o que ocorreu na Comunidade Caverna de Adulão no seu percurso histórico foi a transição do rock como único elemento socializador no início da comunidade, para outras formas de socialização, incluindo projetos sociais como o Reconstruir, Lamalma e Cupim Sagrado. Mesmo com a abertura da diversidade cultural relatada pelos membros, não ocorreu um aproveitamento dessa diversidade e pluralidade cultural pelos membros da comunidade.

Outra mudança ocorreu com a comunidade que inicialmente era composta por jovens e com o passar dos anos ficou mais aberta e composta por crianças, adultos e idosos. Essa transição foi mais sentida a partir de 2007 com a morte do pastor Fábio, que segundo os membros da comunidade era quem fazia a ponte entre a Caverna e a cultura.

### Referências

BAGGIO, Sandro. **Revolução na música gospel**: um avivamento musical em nossos dias. São Paulo: Exodus, 1997.

BÍBLIA Sagrada Revista e Corrigida. São Paulo: SBB, 2013.

BRAKEMEIER, Gottfried. **Por que ser cristão?**: dez boas razões para crer em Jesus Cristo, crer na ressurreição, viver em comunidade, ler a Bíblia, amar o próximo. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

BRANDINI, Valéria. **Cenários do Rock**: mercado, produção e tendências no Brasil. São Paulo: Olho D'água, 2004.

BRASIL. Igrejas Underground Cristãs. Ago. 2015. Disponível em: <<http://cristianismounderground.blogspot.com.br/2015/08/igrejas-underground-cristas-no-brasil.html>>. Acesso em: 14 out. 2016.

CALVANI, Carlos Eduardo B. **Teologia e MPB**. São Paulo: Loyola, 1998.

COSTA, Márcia Regina da. Os carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground Evangélico. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva (Org.). **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004. p. 43-69.

CRISTÃO, Congresso Nacional Underground. Setembro 2016. Disponível em: <<http://www.cnuc.com.br/blog-do-cnuc/>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

DURKHEIN, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna**: formas elementares da pós-modernidade. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2012.



PINTO, Flávia Slompo. Radicalmente santos: O rock'n'roll e o underground na produção da pertença religiosa entre os jovens. **Revista Proa**, Campinas, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/viewFile/2397/1810>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A liberdade do espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK editora, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o evangelho na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2018.